

O RITO: ANTROPOLOGIA E FENOMENOLOGIA DA RITUALIDADE

TERRIN, Aldo Natale. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paulus, 2004. 448p. ISBN 85-349-2064-8.

Maria Aparecida de Andrade Almeida*

Rito: É aquilo que faz com que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora, das outras horas.

Resumo

O trabalho de Aldo Natale Terrin é dividido em duas partes: na primeira ele mostra que o rito não é algo que sobrevive com dificuldade no interior das mudanças próprias do moderno e pós-moderno, mas ao contrário, constitui o “verdadeiro ordenador da experiência de sentido” antes que esta experiência possa ser tematizada. Esta parte concentra-se mais nos temas antropológicos, com objetivo de definir e classificar o rito por meio sócio-funcionalista, etológico e ecológico. Já na segunda parte, o autor destaca a capacidade que o rito tem de assumir diferentes sentidos, os quais são expressos através de uma linguagem religiosa própria-dêitica e percebidos por nossa sensibilidade, levando o leitor a descobrir as modalidades do rito segundo as categorias da música, do jogo, da dança, do teatro, das performances do pós-moderno.

Palavras-chave: Rito; linguagem; interpretação; símbolo e realidade.

* Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté e mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisa em Apocalíptica Judaica e Cristã. Endereço eletrônico: mcidalmeida@hotmail.com.

Abstract

The work of Aldo Natale Terrin is divided in two parts: at first he shows that the rite is not something that survives with difficulty inside the particular changes of the modern and post-modern, but constitutes the “true orderer of the sense experience” before this experience can be thematized. This part concentrates more on the anthropological themes in order to define and classify the rite by socio-functionalist, ethological and ecological means. In second place the author emphasizes the capacity the rite has to assume different meanings which are expressed through a particular-deitic religious language and noticed by our sensibility, taking the reader to discover modalities of the rite according to categories of the music, game, dance, theater, and performances of the post-modern.

Keywords: Rite; language; interpretation; symbol and reality.

Em seu trabalho, Aldo Natale Terrin, professor de Antropologia e História das Religiões, pretende contribuir para a valorização e ampliação da leitura do rito em nossa sociedade. O autor trabalha o rito na perspectiva da antropologia e da história comparada das religiões e mostra, em princípio, que o trabalho com o rito não é uma tarefa fácil à medida que nossa cultura dominada pela modernidade racionalista o vê como uma realidade que escapa ao domínio da razão. Somado a isto, verifica-se também o preconceito em avaliar os ritos como entediantes, longos e quase sempre inúteis. Ademais, o rito carrega certa tendência de expressar o que é externo, formal e superficial, ou seja, falso.

O texto é dividido em duas partes. A primeira se concentra em temas mais antropológicos, com o objetivo de definir e classificar o rito por meio sócio-funcionalista, etológico, ecológico. Por sua vez, a segunda parte se dedica à fenomenologia lúdico-expressiva do mundo ritual, com entonação mais religiosa.

O autor expõe que o rito possui elementos que o qualificam nos níveis: teológico, fenomenológico, histórico-religioso, antropológico, lingüístico, psicológico, sociológico, etológico e biológico. O fato de poder ser interpretado por todas estas áreas do conhecimento faz dele uma realidade poliédrica que o aproxima do conceito de cultura e dificulta, assim, seu entendimento de maneira não equivocada e de forma correspondente à sua etimologia original.

Além de sua característica interdisciplinar, sua essência pode ser definida como conceito, praxe, processo, ideologia, experiência ou função. Mas mesmo nessa imensa diversidade há um ponto comum e importante, ou seja, o rito possui uma característica religiosa e indicação de uma ordem cósmica. “O rito nos permite viver num mundo organizado e não caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível”.

Terrin ressalta que, mesmo quando a definição e a classificação dos ritos se baseiam em um nível descritivo e tipológico, eles possuem traços interpretativos. É preciso considerar o caráter limitado da visão do antropólogo em relação ao mito, pois, segundo o autor, ele pode dilatar o real ou diminuir a vontade. Porém, “as leituras antropológicas do rito nos dizem algo importante, sugerem-nos lados ocultos da nossa humanidade e do nosso agir religioso e não-religioso”.¹

Terrin mostra que existe uma base natural nos ritos, na qual se misturam os símbolos no campo cultural. Deste modo, as perspectivas, tanto natural quanto cultural, não podem ser vistas como incompatíveis à medida que expressam uma linguagem simbólica no mundo animal. Segundo os estudos sócio-ecológicos do rito de Girard, é possível perceber em um ritual de matança sacrificial de porcos (tsembaga – Nova Guiné) um meio social de liberar a violência e a agressividade. “O sacrifício é capaz de recriar a ordem, restabelecer a harmonia, deslocando a violência, deixando de lado os significados literais e, mediante um procedimento simbólico, fazendo com que a agressividade deslize para o leiro de uma descarga substitutiva e inócua”.² Esta visão ecológica estabelece uma relação de harmonia entre rito e o meio ambiente.

Para apresentar uma perspectiva sócio-funcionalista, o autor recorre ao pensamento do sociólogo Durkheim, seu principal representante, mas também utiliza as teorias de Radcliffe Brown, Malinowski e Mary Douglas, antropólogos segundo os quais o rito nada mais faz que dar consistência aos ideais sociais (função de agregação simbólica). Nosso autor ressalta algumas das funções do rito, tais como a integrativa, confirmativa das estratificações sociais,

¹ Cf. p. 54.

² Cf. p. 59.

reconciliadora do âmbito social e a simbólico-funcionalista de Clifford Geertz e Victor Turner. “O rito é uma síntese dessa interação entre mundo religioso, sociocultural e ambiental”.³ Também deixa claro que, embora não seja função da antropologia demonstrar o significado religioso do mito, é importante que ela legitime sua função.

Quando nos é apresentada a relação existente entre o mundo biológico e o religioso, o autor se preocupa em mostrar as teses que provam a aproximação da religião com a natureza e a importância desse laço para a nossa sobrevivência, pois, segundo ele, este entrelaçamento entre a religião e os ritos com a natureza são vitais. A religião e o rito não podem e não devem ser vistos como fenômenos marginais, absorvidos pela dimensão sócio-cultural ou submetido à concepção biologista e determinista, mas, ao invés, tudo deve ser visto numa “co-adaptação global”, numa correlação mútua e profunda na qual, se é verdade que o espírito e matéria interagem nos níveis mais profundos, pode e deve interagir também na gramática de superfície, quando se busca entender o seu significado e o seu valor em chave antropológica e religionista.

Terrin reúne algumas noções que demonstram que o rito é co-natural ao homem. Deste modo, faz um breve histórico de seu início, enfatizando a existência dessa atividade mesmo antes da linguagem falada. A experiência era vivida antes de pensarem a seu respeito, ou seja, o rito não é uma reação à vida, mas uma reação àquilo que o pensamento faz da vida.

O autor encerra a primeira parte do texto expondo a semelhança existente entre o jogo e o rito. Segundo ele, as regras, tanto do jogo quanto do rito, permitem uma transposição do real, isto é, comporta uma “comoção cósmica” e tem um caráter religioso. Neste ponto, o rito é mais que um jogo, pois pode ser ponte para outro mundo, um mundo possível onde as regras têm significados múltiplos, simbólicos.

Lançando mão das considerações fenomenológicas Merleau-Ponty e Heidegger, Terrin propõe-se a refletir, na segunda parte do livro, sobre o rito em diálogo com a idéia de espaço, tempo, musica, teatro e as performances duplas do pós-moderno. Dentre muitas idéias que julgamos centrais, o autor destaca a capacidade que o rito tem de assumir diferentes sentidos,

³ Cf. p. 123.

os quais são expressos por meio de uma linguagem religiosa própria – dêitica⁴ – e são percebidos através de nossa sensibilidade.⁵

Notam-se, com isso, os intentos primeiros do autor, que tem como mediadoras as teorias antropológicas (radicadas na linguagem) e a fenomenologia (como base da análise). A despeito do risco de esvaziamento que corre ao adotar as considerações de Heidegger sobre o significado do espaço, Terrin apóia-se na crítica que o pensador alemão fez à dicotomia sujeito-objeto para indicar a relação entre espaço-rito como unitário-existencial, ou seja, como experiência da vivência humana em seu modo de ser e perceber. É neste ponto que demonstra seu objetivo de relacionar espaço-rito como elementos fontais de um método que busca captar o espaço sagrado e compreender, holisticamente, o *ato de criação*⁶ e o rito em si.⁷

Outra marca central que vai perpassar toda abordagem é o destaque dado ao traço paradoxal que o rito apresenta enquanto ato hermenêutico. A fim de explicitar esta característica, o autor aborda os espaços na concepção hindu, ou melhor, a relação ritual entre microcosmo (ambiente humano) e macrocosmo (universo). É justamente neste duplo horizonte que o autor diz: “O espaço é a possibilidade de colocar em relação realidades sem que elas desapareçam; de ritmar a sua cadência, de descobrir as suas leis de vida; de fazer com que existam as realidades, sem ‘forçá-las’”.⁸

Uma vez que, para usar termos heideggerianos, há abertura tal de possibilidades na compreensão de espaço, Terrin nos apresenta o rito como o ordenador de papéis e distribuidor de funções na medida em que é, originalmente, ato interpretativo/indicador das relações fundamentais do ser humano.⁹ Tais relações se estabelecem no espaço em seu caráter físico, isto é, pelo conjunto de elementos que caracterizam a biosfera e mantêm seu traço orgânico. Além das características físicas, o espaço é, por meio de ações, gestos e palavras, significativo. Em outras palavras, *performace* e representação. Isto nos indica um movimento que perpassará

⁴ A respeito desse termo, ver as pp. 219-221.

⁵ Cf. p. 199.

⁶ Nesta resenha usamos a expressão *mito*, que foi evitada propositalmente pelo autor. Não obstante, pensamos que tal termo se adequa ao que o autor chama de “ato de criação”.

⁷ Cf. p. 201.

⁸ Cf. p. 205.

⁹ Aquelas que o autor destaca como antropológicas, sócio-culturais e religiosas: Cf. pp. 211-212.

toda a obra do autor, a saber, o da compenetração entre símbolo (espaço significativo) e realidade (espaço físico).

Tal movimento expressa as vertentes centrais do autor, que busca ver o rito como indicador da relação entre os espaços.¹⁰ Destarte, antecipamos que há um espaço virtual e místico diretamente relacionado com a maneira com que percebemos (lançamos para dentro de nós) os espaços que nos circundam. Nesta dimensão, o rito assume seu caráter transparente, ou seja, como reação estético-litúrgica de nossa experiência. É esta reação simbólico-demonstrativa que o autor chama dêitica e que é expressa por meio da linguagem¹¹.

Sem abrir mão dos degraus que galgou no passo anterior (rito como ato hermenêutico num espaço funcional), Terrin passa a discutir os momentos rituais propriamente ditos – as experiências rituais que se dão no tempo.¹²

O que mais se destaca, isto é, o elemento central ao longo do corpo ritual que o autor “cria” para analisar criticamente a explosão das *performances* do pós-moderno¹³ é que o rito conjuga em si os diferentes tempos (o do destino, o escatológico, o mítico e o místico) e, concomitantemente, abandona estes tempos na medida em que, na ritualidade, tudo se dá na ordem, numa espécie de repetição simbólica (pausa simbólica) de uma consciência última, advinda por meio dos elementos que compõem o rito: o espaço, o tempo, a música e o gesto.¹⁴ Desta consciência que “retarda” o tempo ritual, marcando o espaço da ritualidade, não somente no nosso interior, mas também nas expressões que interagem dinamicamente com o tempo e o espaço¹⁵, a título de exemplo e seguindo Terrin, temos a música – que é o elemento expressivo-simbólico que, ratificando o caráter ambíguo das relações rituais e desde os tempos mais antigos, ajuda-nos a compreender o sentido próprio de rito.¹⁶

¹⁰ Cf. p. 217.

¹¹ Cf. p. 220.

¹² Cf. p. 229.

¹³ Cf. pp. 369-372.

¹⁴ Cf. pp. 259-261.

¹⁵ Cf. p. 262.

¹⁶ Cf. p. 270.

Após um excuro a respeito da possível proximidade ente música e rito (que passou pela relação de ambos no Egito até o mundo dos cristãos dos primeiros séculos), o autor chama a atenção para que somente na perspectiva gestáltica do rito, ou seja, no conjunto de códigos que se nos apresentam por meio do rito, é possível relacionar música e rito, uma vez que, em termos teológicos, a experiência apofágica poderia impedir tal relação. O que isso nos ensina, na concepção de rito, é que a sensibilidade transcende à realidade objetiva, sem superar as dimensões que a música traz em seu bojo, seja a de cunho doxológico ou não. A música é experiência da emoção e vem à emoção. É justamente este sentimento que nos possibilita a expressão ritual por meio da música.